



ENTRE TÚMULOS E MEMÓRIAS: PATRIMÔNIO E IDENTIDADE NO CEMITÉRIO VERA CRUZ, PASSO FUNDO, RS

Caroline da Silva¹
Djiovan Carvalho²
Waleska Gaspar³

Resumo

Ante uma sociedade cada vez mais marcada pelas mudanças rápidas e contínuas, a necessidade de resguardar lugares de memória é uma realidade cada vez mais presente. Essa situação tem resultado em investimentos em prol da preservação de elementos tangíveis e intangíveis que servem de amparo e suporte à constituição de memórias, histórias e identidades. Os cemitérios não ficam à parte de tais considerações. Deste modo, o Cemitério Vera Cruz, de Passo Fundo/RS, constitui-se em um vetor para a compreensão e o ensino da história local. O Cemitério pode ser considerado um *museu a céu aberto*, pois remete às questões históricas, sociais, econômicas e culturais da sociedade passofundense; bem como a memórias, crenças, saberes, práticas; constituindo-se, desta forma, como bem material e imaterial, e, portanto, patrimônio cultural.

Palavras-chave: Patrimônio; História Local; Identidades; Cemitério; Educação Patrimonial.

AMONG GRAVES AND MEMORIES: HERITAGE AND IDENTITY AT VERA CRUZ CEMETERY, PASSO FUNDO, RS

Abstract

In face of a society each time more marked by fast and continuous changes, the need of protecting memory places is in each time more present reality. This situation has resulted in investments in favor of the preservation of tangible and untangible elements

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Graduada em História pela mesma Universidade. E-mail: caroline.semionato@hotmail.com;

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Graduado em História pela mesma Universidade. Membro do Instituto Histórico de Passo Fundo. E-mail: djiovanc@gmail.com;

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Graduada em História pela mesma Universidade. E-mail: gasparwaleska@gmail.com.



that serves as protection and support to the constitution of memories, histories and identities. The cemeteries are not apart of those considerations. This way, the Vera Cruz cemetery, at Passo Fundo/RS, is constituted in a vector to the comprehension and teach of the local history. The cemetery can be considered a open air museum, because refers to historical, social, economical and cultural questions about Passo Fundo's society; as well as memories, beliefs, knowledges, uses; constituting, this way, as material and imaterial assets, and therefore, cultural heritage.

Key-words: *Patrimony; Local History; Identities; Cemetery; Heritage Education.*

Interfaces entre Patrimônio, Memória e Educação Patrimonial

Patrimônio, conceito polissêmico e polêmico sofreu diversas ressignificações, que alteraram seu sentido com o passar do tempo. O conceito nos remete ao termo cunhado pelos romanos para designar herança paterna – *patrimonium* –, na época o termo fazia referência a tudo que pertencia ao pai, ou especificamente, ao pai de família, o *pater famílias*. O *patrimonium* compreendia tudo que poderia ser legado por testamento, desta forma, fazendo parte da herança paterna. O surgimento dos estados nacionais transformou radicalmente o conceito de Patrimônio, de cunho privado e aristocrático, o termo passou a representar bens públicos de uma sociedade específica - com uma única língua, origem e território.

Patrimônio então não é apenas aquilo que é herdado, que nos foi legado pelas gerações anteriores, mas bens com os quais um grupo significativo da população se identifica, reconhece e decide preservar como representações desse grupo para as gerações futuras. Logo, a valorização de bens culturais perpassa pelo seu reconhecimento e pela sua (re)significação individual e coletiva.

Embora a ideia de patrimônio seja bastante difusa, concordamos aqui com Lúcia Vianna que nos alerta para o fato de que patrimônio é “uma porção de coisas consagradas e que tem grande valor para pessoas, comunidades ou nações”, bem como para a humanidade. Para a autora, essa ideia “remete a riqueza construída e transmitida,



herança ou legado que influencia o modo de ser e a identidade dos indivíduos e grupos sociais” (2008, p.119).

Sabendo que o valor que os seres humanos, tanto no plano individual como coletivo, atribuem ao legado do passado, determina o que se tornará importante para ser lembrado. Podemos nos questionar acerca da definição de patrimônio, por quem ele é definido e quem é responsável pela sua conservação e preservação. Esses *bens patrimoniais* estão estritamente ligados com a identidade e a memória de um grupo.

Neste entendimento, cabe aqui refletirmos sobre o conceito de memória e as interfaces estabelecidas com o patrimônio, visando compreender a importância da Educação Patrimonial em iniciativas atuais que tem como objetivo a valorização do patrimônio cultural para a constituição das identidades.

Individual ou coletiva, a memória constitui-se a partir das experiências vividas, mantendo uma linha de continuidade temporal com o presente através da história. Baseamo-nos no conceito de memória coletiva desenvolvido por Maurice Halbwachs (2004), para esse autor, toda memória se funda em identidades de grupo: nossas lembranças vinculam-se a experiências numa vida em – família, vizinhos, fábrica, escola, etc. Todo o social está inscrito na memória individual como vice-versa. A memória é entendida assim enquanto construção social.

Construída sobre as experiências vividas a memória funda-se na linguagem. É a linguagem cotidiana com todas as suas nuances que permite aos grupos exteriorizar a memória em forma de narrativa. A linguagem torna-se assim a portadora da memória, fortalecida através das narrativas coletivas.

A memória está sendo entendida como um conjunto de funções psíquicas que fazem intervir na ordenação dos vestígios (informações) e também na releitura desses vestígios em cada situação histórico-social. A memória seria essa “propriedade de conservar certas informações [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou



informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1994, p. 419) e que, portanto, produz os elementos de identidade dos grupos humanos, constituindo-se como patrimônio das sociedades.

Memória e narrativa da memória, neste trabalho, relacionam-se diretamente à questão da educação, que é entendida como processo transformador da sociedade e dos sujeitos, sendo historicamente condicionada. Entendemos que a educação não se esgota na escola, pois tem um caráter contínuo e permanente, o que justifica a importância da incorporação da comunidade e da família nos processos educativos. É nesse sentido que a educação deve ter como base a memória, o patrimônio, enquanto herança cultural dos indivíduos em determinado tempo e espaço.

A Educação Patrimonial vai de encontro aos paradigmas da educação moderna, pois suas formas de interferência possibilitam o reconhecimento dos bens culturais, tornando-se dessa maneira, um importante instrumento de promoção e vivência da cidadania, o que conseqüentemente motiva a responsabilidade para a valorização e preservação do patrimônio. Esse processo permite uma “leitura de mundo” e das coisas produzidas pelo indivíduo em sua vida cotidiana, que capacite o aprendiz, enquanto cidadão, entender melhor sua identidade cultural e se “apropriar”, efetivamente e conscientemente, de seus valores e marcas próprias, de seu “patrimônio” pessoal e coletivo. Conforme Queiroz:

Através da Educação Patrimonial, o processo de ensino e aprendizagem pode ser dinamizado e ampliado, muito além do ambiente escolar onde toda a comunidade pode estar envolvida. Pode tornar-se um instrumento a mais no processo de educação que colabore com o despertar de uma consciência crítica e de responsabilidade para com preservação do patrimônio - em toda sua expressão - e a percepção da relação entre esse com sua identidade pessoal e cultural (s/d).

A Educação Patrimonial se configura como um exercício educativo e social, que permite elaborar ações pedagógicas que privilegiem enfoques interdisciplinares. Os



bens culturais permitem a integração de diferentes saberes que vão muito além do estudo do passado. Essas questões inserem-se nas propostas atuais de educação patrimonial, descritas nos próprios PCNs, que propõe a utilização de fontes primárias na escola, entre as quais a utilização e visita a arquivos e museus.

Nesse sentido, a Educação Patrimonial serve como iniciativa à promoção do patrimônio, sendo instrumento de ação no ensino que visa promover o reconhecimento e valorização dos bens culturais que fazem parte de determinada comunidade. Nessa perspectiva, destacamos a utilização dos espaços cemiteriais como vetores para a Educação Patrimonial, servindo como suporte à constituição de memórias, histórias e identidades.

Os cemitérios se constituem em *espaços de memória*, no sentido de que instigam lembranças e, simultaneamente, as instituem e/ou cristalizam, constituindo-se em um vetor para a compreensão e o ensino da história local. Entre as várias iniciativas formuladas visando à conservação e reconhecimento de bens culturais através da história local, para fins deste artigo, destacamos o Cemitério Vera Cruz, de Passo Fundo/RS, considerado um *museu a céu aberto*. Recorrendo à definição de Pierre Nora (1993), esses são locais materiais ou imateriais onde se fixam as memórias coletivas, onde se cruzam memórias pessoais, da família e da comunidade. Eles contribuem para um

processo de revivenciamento, ou de reconhecimento, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de pertença e de identidade, a consciência de si mesmo e dos outros que compartilham essas vivências (HORTA, 2008, p.108).

Frente a isso, consideramos que o espaço cemiterial Vera Cruz remete às questões históricas, sociais, econômicas e culturais da sociedade passofundense, servindo como vetor para a Educação Patrimonial e o ensino de História Local.



Entrecruzamentos entre História Local e Educação Patrimonial

A história local contribui para a construção de interpretações sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente, situados em espaços socialmente construídos. Além disso, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares e das diversidades, servindo muitas vezes como ponto de partida para a formação de uma identidade regional. Ao mesmo tempo, o estudo a partir do local possibilita que as pessoas se sintam participantes de uma história aparentemente desprovida de importância, ao passo em que busca estabelecer relações com a história global, entrecruzando presente e passado. Circe Bittencourt nos diz que:

a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (BITTENCOURT, 2009. p. 168).

Ao se trabalhar com história local não podemos nos contentar em abordar apenas a “fragmentação rígida dos espaços e temas estudados, não possibilitando que os alunos estabeleçam relações entre os vários níveis e dimensões históricas do tema” inviabilizando a construção de relações entre o contexto local, o nacional e o global (articulação entre micro e macro história) (FONSECA, 2003. p.154). A história local deve estar sempre atrelada à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado (BITTENCOURT, 2009. p. 168). De acordo com Ironita Machado,

é necessário remeter ao problema de compreensão equivocada de que a educação patrimonial, da mesma forma que a História Local, fica deslocada dos conteúdos históricos ‘programáticos’, ou seja, do currículo formal proposto pelas instituições de ensino, pois



frequentemente se coloca uma oposição entre ensinar a história local, a nacional e a história universal. (MACHADO, 2013, p. 128).

Tendo em vista o “descolamento” entre os conteúdos de História, faz-se necessário o estudo das relações entre o Local e Nacional/Regional sejam feitas, quando possível. Frente a isso, compreendemos que o ensino de história local se trata de uma forma de aprendizagem do conhecimento histórico articulada com os interesses, conhecimentos e experiências culturais dos alunos, desenvolvendo atividades que redirecionem o olhar dos mesmos para o reconhecimento da história, bem como dos bens culturais presentes no seu cotidiano. Além disso, o trabalho com a história local facilita a construção de problematizações históricas favorecendo a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como características de uma realidade histórica mais ampla.

Nessa perspectiva, elucidamos neste artigo o uso da Educação Patrimonial como vetor para a problematização da história local, utilizando como subsídio para isso o espaço cemiterial, mais especificamente, o Cemitério Vera Cruz, visto que o mesmo comporta túmulos que permitem a reflexão sobre questões históricas, sociais, econômicas, políticas, estéticas e culturais da comunidade passofundense, sendo possível, dessa forma, estabelecer uma relação entre o local e um contexto maior na construção do conhecimento histórico.

Deste modo, a utilização do espaço cemiterial como proposta para o ensino da História local serve, nesse sentido, como fonte para a (re)significação e construção do conhecimento da própria história do município relacionada à problematização de acontecimentos que fazem parte da nossa história, tornando o aprendizado mais dinâmico, reflexivo e despertando o sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo, o Cemitério Vera Cruz torna-se um meio para a Educação Patrimonial, pois carrega consigo memórias, crenças, saberes, práticas; constituindo-se como bem material e imaterial, e, portanto, como patrimônio cultural.



A última morada...

Em Passo Fundo, o primeiro cemitério foi criado ao lado da Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição edificada em 1834 e consagrada em 23 de agosto de 1835, no alto da coxilha⁴, à vista dos passantes e moradores da localidade (d'AVILA, 2015). Desde então os restos mortais dos falecidos católicos tinham destinação àquele espaço, tido como cemitério público, mas que de fato sofria as restrições confessionais, o que, supostamente, levou à constituição de um cemitério para não católicos anos depois. Esse cemitério funcionou até início do século XX e passou a coexistir com um novo local de sepultamento criado para atender aos acatólicos que chegaram à região, incrementando os índices demográficos, a diversidade étnica e cultural, bem como religiosa da população local. O espaço de enterro – também chamado cemitério luterano – foi organizado por Johann Adam Schell⁵, e se localizava na área de atual Praça Fredolino Chimango, em frente ao Quartel do Exército.

Com as demandas derivadas do sanitarismo e de urbanização do espaço urbano, muitos cemitérios brasileiros tiveram expressivas mudanças de localização e organização durante o século XIX e início do século XX. Visando seguir os padrões sanitários e a reorganização urbana, os espaços cemiteriais foram progressivamente afastados dos centros das localidades, gerando não só realocamentos de túmulos e ossadas, como também a demanda de nova organização e, decorrente disso, de novas formas de sepultamento dos corpos.

Em Passo Fundo, essa questão aliada à secularização do Estado e a instalação da Estação de Cargas e Passageiros e da Gare da Viação Férrea, nas proximidades do

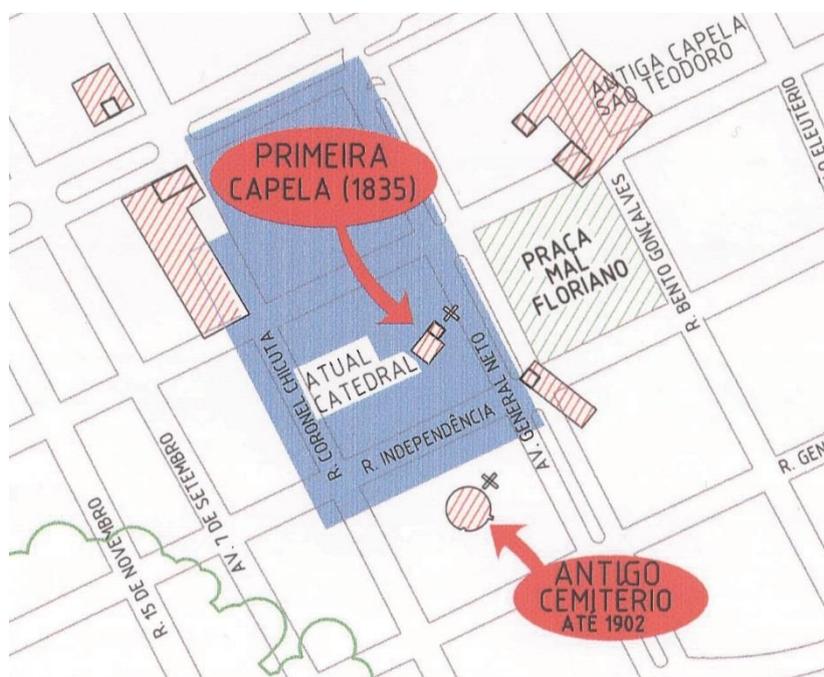
⁴O terreno para a edificação foi doado por Manoel José das Neves - Cabo Neves -, cessão essa reiterada por documentação de Escritura Pública retificando o ato assinada em 1884 pela filha do Cabo Neves, Maria da Rocha Neves.

⁵Primeiro germânico e luterano a fixar em Passo Fundo. Johann Adam Schell, nasceu em 24 de junho de 1809 na aldeia de Bosen, atual Alemanha. Casou-se com Johanna Cristina Hein, natural de Hildburghausen, atual Alemanha. Foi comerciante e líder comunitário, tendo fundado a Loja Maçônica Concórdia.



antigo cemitério, levou a criação de um cemitério público – agora para todos os falecidos. Era premente que ocorresse a transferência do cemitério e a liberação da área para a urbanização do novo centro da cidade.

Figura 1 - Localização do antigo cemitério de Passo Fundo



Fonte: MIRANDA, Fernando B. Severo de; MACHADO, Ironita A. P. Passo Fundo: presentes da memória. Rio de Janeiro: MM Comunicações, 2005. P. 37, adaptado.

Nesse bojo, em 01 de janeiro de 1902, depois de muitas discussões prévias, foi inaugurado o Cemitério Municipal, denominado Vera Cruz, para onde muitos dos ossuários dos cemitérios católicos e “luterano” foram encaminhados⁶.

⁶A constituição do Cemitério também foi tema de nova ordenação pelo Código de Posturas de 1904, decretado pela Lei n. 21 da Intendência Municipal de Passo Fundo. O capítulo XIII refere-se a “Cemitério – Inhumações e exumações” e indica, nos artigos correspondentes à este capítulo, a competência municipal na polícia, direção e administração dos cemitérios do município (Art. 52), a proibição de criação de novos cemitérios particulares (Art. 54), a necessidade de seu cercamento visando a segurança



Como locais de lembrança e de memória, os cemitérios evidenciam a conformação histórico-social e cultural das cidades e nos remetem às variadas formas e significados da vida e da morte. Os rituais que envolvem o morrer e o enterro/cremação têm sido alterados tanto em função de culturas, quanto de mudanças que afetaram as sociedades e que, conseqüentemente, acabam sendo impressos nos sepultamentos. Esses traços ou vestígios, presentes em cemitérios, práticas e devoção aos mortos é foco de conhecimento familiar, societal, cultural e mesmo político. Daí nossa ênfase na importância dos cemitérios como espaços de lembrança, de (re)memoração, de devoção, mas também de pertencimento, de conhecimento, de aprendizagem e interpretação cultural, histórica e social.

A valorização do passado, e da memória coletiva, das cidades constitui-se como proposição para a preservação do Patrimônio Cultural. Em Passo Fundo, o *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado* – PDDI define diretrizes para a gestão do patrimônio histórico e cultural do município, buscando fortalecer a identidade e a diversidade cultural pela valorização do patrimônio cultural e histórico, revelar o patrimônio histórico e cultural como fator humanizador e de inclusão social, e implementar a gestão democrática deste patrimônio, integrando as ações executadas pelas entidades governamentais e não-governamentais (PASSO FUNDO, 2006). Durante o ano de 2015, foram realizadas reuniões para a formação do Plano Municipal de Cultura (PMC), no qual foram arrolados elementos referenciais do patrimônio histórico e cultural da cidade, composto por imóveis e os espaços identificados com a história e a cultura local e regional. Junto a isso, criou-se uma Setorial do Patrimônio

(Art. 57), a necessidade de autorizações temporárias e/ou perpétuas da Intendência para edificação de mausoléus, capelas funerárias ou catacumbas (Art. 62) e o livre acesso ao espaço cemiterial (Art. 66), enfatizando (§ único) “Os visitantes que portarem-se de modo inconveniente, escalam muros, pisarem túmulos e em geral praticarem actos tendentes a quebrantar o respeito devido aos mortos, incorrerão na multa de 10\$000, sendo-lhe vedado por determinado tempo, novamente visitarem o cemitério”. INTENDÊNCIA MUNICIPAL DO PASSO FUNDO. *Código de Posturas*. Passo Fundo: Typ. Passo Fundo, 1904. P. 18 a 20.



Material e Imaterial e Arquitetura e Urbanismo que reúne representantes da sociedade civil que discutem, atuam e investem nessas áreas visando a reflexão das demandas da cidade— demandas essas que estão contempladas no Plano Municipal de Cultura aprovado em 2016.

Ante a atualidade do tema da preservação e da educação histórico-cultural – marcante nas políticas do MinC, do MEC e de seus subsetores – um importante passo a ser dado no município de Passo Fundo seja também o voltar o olhar a essas questões, bem como a ampliação da lista atual de bens tombados⁷, considerando os estudos preliminares já realizados⁸, não só sobre os bens edificados, mas também sobre os patrimônios ambientais, imateriais, artísticos, arqueológicos, entre outros.

Nesse contexto, pensar, conhecer e vivenciar o espaço cemiterial é compreender parte importante das manifestações culturais da sociedade que organiza e dá sentido a esse espaço, suas sepulturas e estátuas, além de uma homenagem a um *sujeito*, carregam em si, parte da história da cidade. Nesse sentido, o *Projeto Museu a Céu Aberto*, proposto pelo Arquivo Histórico Regional e o Instituto Histórico de Passo Fundo, visa a preservação e a valorização de um ambiente específico: o Cemitério Vera Cruz, em Passo Fundo, a fim de demonstrar a força deste vínculo dos vivos com os mortos, numa associação simbólica das pessoas com o lugar.

A partir de 2014, o Arquivo Histórico Regional e o Instituto Histórico de Passo Fundo, passaram a desenvolver algumas ações em prol da preservação do patrimônio cemiterial. Uma das principais propostas foi a elaboração de um *Guia de Visitação*⁹, que

⁷ São tombados: a edificação conhecida como Mausoléu dos Militares mortos em defesa da legalidade em 1932 e a edificação conhecida como o Jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira.

⁸Ver: WICKERT, Ana Paula (Coord.). Inventário provisório dos bens de valor histórico, arquitetônico e cultural de Passo Fundo. [mimeo], 2006. / ZANOTTO, Gizele (Org.). Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Passo Fundo/RS. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016.

⁹O Guia finalizado foi publicizado em 30 de outubro de 2014, contando com o apoio do *Projeto Passo Fundo*.



apresenta um mapa autoguiado a ser seguido pelos visitantes, a proposta objetiva a valorização de um local de memórias e de histórias.

O Guia de Visitação foi elaborado contendo uma breve historicização do Cemitério e a proposta de duas rotas de visitação, contemplando a denominada “parte antiga” do local. Entre os 43 pontos indicados, estão incluídos sepulcros de lideranças políticas, militares e intelectuais, comerciantes, construtores, médicos, industriais, religiosos, farmacêuticos, professores, fazendeiros, túmulos e estatuárias referentes ao final do século XIX e ao século XX, sobretudo. Todavia, para além do rol de túmulos, que fazem parte do roteiro, outros deveriam ser inseridos na proposta, considerando a riqueza das obras tumulares ali encontradas.



Figura 2: Mapa do Cemitério Vera Cruz. IHPF; AHR. GUIA DE VISITAÇÃO DO CEMITÉRIO VERA CRUZ. PASSO FUNDO, 2014.

À guisa de finalização

Tendo em vista o “descolamento” entre os conteúdos de História, faz-se necessário o estudo das relações entre o Local e Nacional/Regional sejam feitas, quando possível. Na teoria, isso possibilitaria ao educando identificar-se com a temática em questão, tornando o processo de ensino-aprendizagem realmente significativo. Desta forma, a proposição de um trabalho sistemático no Cemitério Vera Cruz, possibilitaria a compreensão deste como um Museu a céu aberto, estimulando a percepção do espaço como locus de turismo cultural e de ações de educação patrimonial.



Nesse sentido, para além do turismo cultural, visado com a produção do Guia, entendemos que o Cemitério Vera Cruz enquanto vetor de conhecimento sobre a história da cidade e de seus habitantes. O espaço cemiterial pode ser propulsor de informações sobre sentidos sociais, perpetuação de memórias e crenças, afirmação de valores sociais e culturais e expressão da estratificação social. Portanto, considera-se premente a necessidade de preservação de túmulos do Cemitério, espaço considerado “santo” pela comunidade e com referencial para compreender e refletir sobre a história social, cultural e política.

Referências

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. Secularização do espaço cemiterial: pluralismo religioso, misticismo ou negação da morte? **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**. São Leopoldo, 2012. P. 402-412.

BARBOZA, Vania Maria. Sociedades dos vivos X Cidade dos mortos: a visão da morte na sociedade erechinense. **Perspectiva**, Erechim, v. 37, n. 140, p. 125-137, dezembro/2013.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé/RS/Brasil: um patrimônio cultural merecedor de reconhecimento e visibilidade. **Anais do XI Encuentro Iberoamericano de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales**, Paysandú/Uruguay, p. 13 pgs.

BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, memória e poder**: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Arte, sociedade, ideologia. 2ª. edição revisada e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Banalização do Patrimônio Cultural Material e consequências perversas para a vida na cidade. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006. p. 17-29.



CASTRO, Elisiana Trilha. **Para cada morto, a sua cova:** algumas restrições para o sepultamento de protestantes no Brasil, século XIX. *Revista Inter-legere*, p. 157-172, jan/jun de 2013.

CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória: Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio G. R.. *Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2012.

d'AVILA, Ney Eduardo Possap. **Cabo Neves**. Fundador da cidade de Passo Fundo. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2015.

d'AVILA, Ney Eduardo Possap. Cemitério Municipal “Vera Cruz”. In: **Guia de Visitação Cemitério da Vera Cruz**. Passo Fundo: Instituto Histórico de Passo Fundo/Arquivo Histórico Regional, 2014.

d'AVILA, Ney Eduardo Possap. **Recortes da História de Passo Fundo**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2014.

d'AVILA, Ney Eduardo Possap. **Passo Fundo: terra de passagem**. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.

DILMANN, Mauro. **Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a Irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX**. 2013 (Tese). Doutorado em História. São Leopoldo. UNISINOS, 2013.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. 2ª. edição. Passo Fundo: UPF, 2004.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado. *Historiae*, Rio Grande 3 (3), p. 09-26, 2012.

FISTAROL, Eliane. BERNARDI, Aline. MABONI, Priscila (Orgs.). **Arquitetura da Morte**. Chapecó: Argos, 2005.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Cemitério São Pedro: espaço de vida, espaço de memória. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Patrimônio Histórico e Cultural – Cidade de Londrina**. Londrina: UEL, 2011. P. 59-88.

GEHM, Delma Rosendo. **Passo Fundo através do tempo**. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1982.



GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro (28) 2, p. 80-101, 2008.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiae**, Rio Grande 3 (3), p. 27-46, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HORTA, Maria de L. P.; GRUNBERG, Evelina.; MONTEIRO, Adriana. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.

HORTA, Maria de L. **Lições das coisas**: o enigma e o desafio da educação patrimonial. In: Revista Patrimônio. Museus. Iphan. N31, 2005 (pp.220-233).

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os Lugares da Memória. In.: SILVA, René Marc da Costa (Org.) **Cultura Popular e Educação**. Brasília: Salto Para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

INTENDÊNCIA MUNICIPAL DO PASSO FUNDO. **Código de Posturas**. Passo Fundo: Typ. Passo Fundo, 1904.

INSTITUTO HISTÓRICO DE PASSO FUNDO/ARQUIVO HISTÓRICO REGIONAL. **Guia de Visitação Cemitério da Vera Cruz**. Passo Fundo, 2014.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. **Modernização do espaço urbano e patrimônio histórico**. (Dissertação de mestrado). UPF, Passo Fundo/RS. 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LECH, Osvandré (Org.). 150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo. Passo Fundo: Méritos, 2007.

MARTINS, Clerton. Patrimônio cultural e identidade: significado e sentido do lugar turístico. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006. p. 39-50.

MIRANDA, Fernando B. Severo de; MACHADO, Ironita A. P. **Passo Fundo**: presentes da memória. Rio de Janeiro: MM Comunicações, 2005. 183 p.

MIRANDA, Fernando B. Severo de; MENDES, Jeferson dos Santos. **Passo Fundo**, o passo das ruas. Passo Fundo, Méritos Ltda, 2011. p. 286.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 94.



MOTTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 24, no. 71, p. 73-93, outubro/2009.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, Welci. **Conheça Passo Fundo, tchê!** Passo Fundo: [s.n.], 1992.

NASCIMENTO, Welci. **De Capela a Catedral**. Passo Fundo: [s.n.], 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. **Annaes do município de Passo Fundo**: aspecto histórico. Vol. II. Passo Fundo: Gráfica e Editora da UPF, 1990.

PASSO FUNDO. Lei complementar nº 170, de 09 de outubro de 2006. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado – PDDI do Município de Passo Fundo. Disponível em: <<http://www.pmpf.rs.gov.br/files/lei-comp-170-pddi.pdf>>. Acesso em: out. 2015.

PARIZZI, Marilda Kirst. **Passo Fundo**: sua história e evolução. Passo Fundo: Berthier, 1983.

QUEIROZ, Moema Nascimento. A Educação Patrimonial como Instrumento de Cidadania. **Revista Museu**. Disponível em: <www.revistamuseu.com.br/artigos>. Acesso em: 21 mai. 2017.

WICKERT, Ana Paula (Coord.). **Inventário provisório dos bens de valor histórico, arquitetônico e cultural de Passo Fundo**. [mimeo], 2006.

ZANOTTO, Gizele. Espaços sagrados e uma vida de iniciações. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo. (Org.). **Momento Patrimônio**: volume II. 1a.ed. Passo Fundo: Aldeia Sul; Berthier, 2013, v. II, p. 81-94.

ZANOTTO, Gizele (Org.). **Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Passo Fundo/RS**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016.